

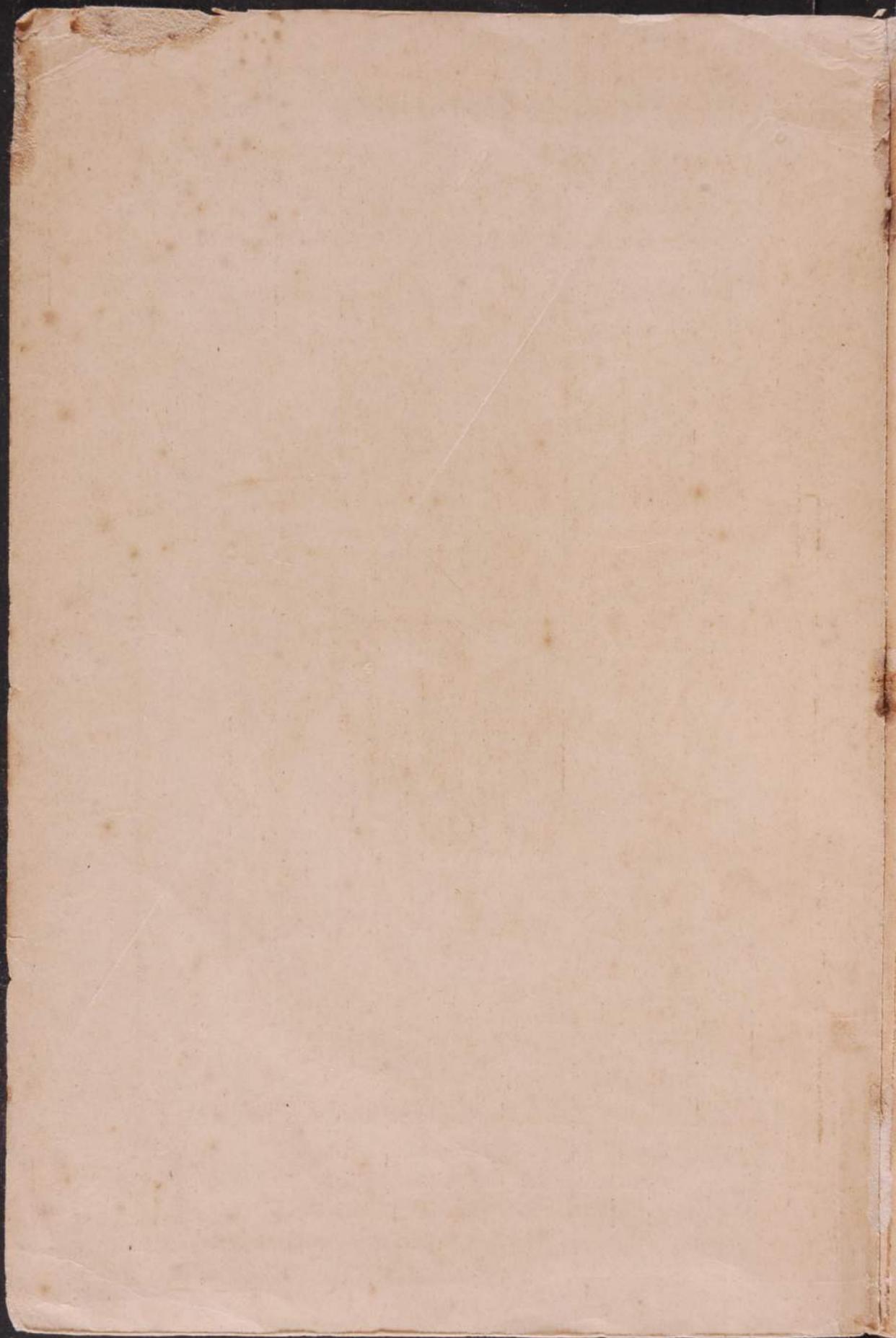
D
Biblioteca
Central

REVISTA DO NORTE

ASPECTOS DE VIDA REGIONAL



EM SUPPLEMENTO: INFORMAÇÕES
GERAIS SOBRE O BRASIL, NOTAS
-SOBRE A VIDA HISPANICA.



PHASE 2^a

— NOVEMBRO DE 1926 —

NUMERO 3



REVISTA DO NORTE

DIRECTORES: Joaquim Cardozo, J. M. C. de Albuquerque e Mello
e João Monteiro.

SERIE DE 12 NUM.—10\$000 — DE 6 NUM.—5\$000

NUMERO AVULSO—1\$000



PARA CORRESPONDENCIA: RUA NUMA POMPILIO 536
RECIFE. PERNAMBUCO. BRASIL.

REVISTA DO NOSTRO





GEORGES BERNANOS

e a Inquietação Moderna.

Lafcadio Hearn, numa deliciosa carta, cheia de imprevistos que chega a parecer que é Chesterton quem escreve, diz que nada ha tão moralizador como uma epoca de desregramentos e excessos.

Isto porque dá margem a que melhor se exaltem os espiritos superiores.

É uma grande verdade.

A creatura virtuosa não é a que não encontra seducções no peccado e só por isto se afasta delle, mas a que soffre o seu imperio, tendo em si reserva de forças bastante para resistir ás sólicitações do mal e do vicio.

A Igreja nos ensina que nada vale a acção quando não tem a commental-a e explicital-a a intenção.

Ha que pôr de quarentena as virtudes de quem vive numa epoca de moderação e recato, porque não marcam o relevo duma individualidade forte: traduzem as tendencias espontaneas duma collectividade.

No meio de bellezas interiores apparentes pode não haver um movimento individual de coração, uma só manifestação consciente de intelligencia e de vontade. Ás vezes é tudo o reflexo natural dos factos da ambiencia. Para tanto basta uma organização moral plastica.

Quem não pecca por não conhecer de perto o peccado e nunca lhe sentir o fascínio estonteador será um puro, mas também poderá ser um espirito acanhado que não reconheça a belleza e a elevação das virtudes que pratica.

Será um casto, será um espirito candido, terá o candor de um anjo, mas não será nunca um santo.

Agora o que vive num meio de grandes peccadores; que contempla o peccado face a face nas suas modalidades mais sedutoras, lucha contra a insidia vertiginosa da tentação e triumpho é um santo.

Ha também os que vivem mergulhados no peccado e não peccam. As victimas inermes de satanaz. Não peccam porque não alcançam o mal que praticam até que a consciencia adormecida acorde e com ella a renuncia.

Bôa illustração deste acerto seria a vida de Santa Maria Magdalena e S. Frei Gil. E outros.

A attitude dos reaccionarios de agora é bella e duma rara elevação moral. Porque o vicio requinta-se por toda a parte e em tudo.

Nunca o peccado foi tão bello. Nunca o vicio tão capitoso como agora. Nunca o mal solerte assim, embrulhado como está nas fraldas incolores da liberdade e da democracia.

E foi preciso que a guerra agitasse a vida para que a humanidade se apercebesse desse estado de cousas.

A vida corria descuidada e tal era o requinte dos gosos

terrenos, tal a seducção das frivolas exterioridades, tal o fascínio estonteador do peccado que aturdiam.

A consciencia em torpor, era apenas uma expressão; não tinha forças, modorrava latente.

A mola individual era o egoismo — a sêde dos avidos prazeres da carne. O orgulho a força motriz da sociedade — a vaidade tangia caprichosamente a collectividade. E a ambição impellia o progresso, preparava as nacionalidades. O ideal de hegemonia política, eis o vistoso padrão nacional; o gozo sem as alegrias intimas, que a vida terrena pode dar, eis o ideal do individuo. Mas veio a guerra. E a guerra foi um bem porque destruiu este equilibrio inferior das cousas, dando um sentido mystico mais largo e generoso á vida.

Fortaleceram-se as tendencias metaphysicas do seculo, e o homem perturbado fez o que de ha muito não fazia: ergueu os olhos para o ceu, e olhou para dentro de si mesmo e espiou as forças restauradoras do mundo interior, os thesouros da vida espiritual.

O livro de Georges Bernanos — «Sous le soleil de Satan» — nasceu da inquietação metaphysica de agora.

E nada melhor traduz a anciedade, o esforço humano para a compreensão de Deus e a finalidade da vida.

E' um livro que fixa bem um despertar de alma lutando ainda por sacudir um resto de torpor que lhe tolhe os movimentos. E' a mesma perturbação de quem desperta bruscamente dum profundo somno.

Foi por isto que o sr. Tristão de Athayde chamou-lhe uma como massa confusa e informe ainda.

Lendo-o assalta-nos a crença de que estamos nos porticos de uma era definitiva para a religião. Uma era em que se hão de aclarar para sempre varias questões transcendentaes que nos enchem de duvidas e de angustias.

Tende a desaparecer o romance psychologico á maneira de Bourget, legitima evolução do realismo.

Com Bernanos a analyse se aguça mais, vai muito mais longe. Desapparece toda preocupação de vida physica. Busca o autor surpreender os movimentos d'alma, não os do coração. Investiga os factos da percepção psychica, não os da intelligencia cerebral.

São novas e não são communs estas preocupações que não se enquadram precisamente nos limites da physica, da biologia e das mathematicas a tres dimensões.

Quando surge um caso que não se accomoda dentro das leis catalogadas pelos sabios, a sciencia autorizada torce o nariz e cheia de sufficiencia declara com ares dogmaticos que é falso, que é embuste.

E esta sciencia fragil e movel como terreno de alluvião, que parte da especialização para a generalidade, sem attin-gila nunca, arvorou o materialismo em doutrina philosophica. E atordoada com a verificação do quarto estado curva-se irritada ante a precoce fossilização da cruel theoria negativista.

Faz-se necessario agora que a humanidade nova, melhor

formada e melhor capacitada para as indagações metaphysicas, pouco emmaranhada no dogmatismo vaidoso dos laboratorios que não consegue transpor as barreiras materiaes do mundo physico, procure investigar os nossos conflictos intimos. Cabe a ella renovar o padrão das letras e das artes. Cabe a ella reagir com o scepticismo religioso, fecundo e creador, contra o scepticismo scientifico, — o peor de todos — duvidando das conclusões apressadas dos senhores sabios, duvidando do rigorismo lyrico e fragmentado das sciencias, acceitando-as como simples manifestações imperfeitas e isoladas duma verdade sempre inatingida, sempre inatingivel com os recursos insidiosos do cerebro, do pobre cerebro humano, facil de illudir.

Se tudo quanto ha não é mais que a particularização applicada immediatamente ás modalidades da vida terrena; — a sua apreensão, como os seus erros e as suas miragens, somente a compreensão do todo poderia dar.

Mas a intelligencia humana está condicionada á vida terrena e não apanhará nunca a verdade indecifavel que está fóra della; constatará apenas os factos que não transpõem os limites da sua condição.

As acquisições da sciencia são impotentes para sondar a harmonia integral de todo.

E só a religião nos poderá levar um dia ao entendimento da metaphysica de que a vida procede como um caso particular. É na abstracção dos nossos sentidos, fora das sug-

gestões exteriores da vida objectiva que devemos buscar a
nalidade das cousas.

Espiemos para dentro de nós mesmos. Tentemos surpre-
ender a alma na sua natureza mesma. Busquemos a com-
preensão do mundo nas inquietações interiores. Contemplemos
os movimentos d'alma regulados por leis cuja percepção nos
escapa.

E quando se totalizar a abstracção dos factos transitorios,
talvez vejamos a alma no seu maior estado de elevação e
pureza; talvez percebamos as forças eternas e indestructiveis
que nos governam. Forças integralizadoras da generalização
e da unificação de todos os phenomenos.

JOÃO VASCONCELLOS.





A SUPREMA ALEGRIA DE VÊR

J. M. C. DE ALBUQUERQUE E MELLO.

EM seus suggestivos & meticulosos desenhos, bem mostram os antigos cartographos toda uma curiosa & rica tendencia de sua epocha. Entre os cartographos do tempo das descobertas, de olhos ainda acostumados á pompa medieval das illuminuras, á sumptuosidade dos incunabulos em pergaminho, vamos encontrar os primitivos divulgadores dos caprichos & das riquezas de todo um mundo ignorado & maravilhoso. Porque nos mappas de outrora não apparecem, nem nos mares nem nas terras, as grandes distancias mudas, os grandes espaços monotonos & incarakteristicos. Sempre pelos mares golpinhos & animaes phantasticos vêm á tona entre as tantas caravelas. As caravelas que passam em rumo diverso, exhibindo as varias faces, as velas muito cheias de vento, reproduzidas em uma tão carinhosa riqueza de detalhes que lembram o trabalho de algum fiel vassallo no esmero de presentear um rei generoso.

Entre as montanhas que se apresentam em perspectiva, entre as arvores que se destacam, em scenas movimentadas & typicas, o fel-

Os ricos mapas antigos.

vagem exhibe as suas armas & a sua destreza de caçador. Animaes, flechas em direcção de horribéis serpentes de immensos corpos cobertos de escamas, plantas em desproporção, tabas & reductos & fossos. Uma festa, todo um intenso fausto de documentação. E até a *caniballis pars*, onde tudo é duvidoso & hypothetico, ainda sob o dominio feroz & absoluto do indio, apparece repleta, em cartas antigas, de bizarras e phantasiofas figuras.

Um confronto.

Agora um confronto. O antigo cartographo se esmerando em mostrar todas as peculiaridades de uma região, povos, animaes & plantas, detalhes interessantes, scenas imprevisas. Actualmente a mais triste inferioridade de uma epocha. Parece mesmo que ao homem actual vae faltando aquella exquisita arte de vêr, aquella arte que na Edade Media chegou ao seu magnifico apogeu. E a arte de mostrar. O homem actual lembra um pobre individuo que, á custa de tragica cegueira, logra extrema & inutil acuidade de ouvidos.

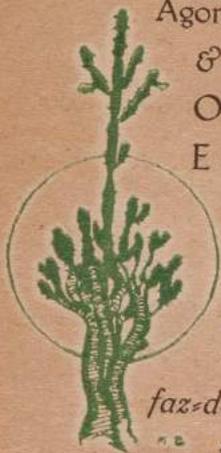
No tempo da machina do-minadora & democratica.

Já o tempo, este tempo da machina dominadora & democratica, não é propicio ao cinzelador, ao illuminurista, ao entalhador & mesmo ao desenhista, ao esculptor & ao architecto. Elles todos se equivalem na dolorosa fituação de artifices de uma especialidade secundaria & dispenfavel.

Agora a occasião é dos oradores, dos grammaticos, dos chronistas & dos rhetoricos.

Orelhas a se expandirem em detrimento dos olhos.

E no Brasil mais do que em qualquer outra parte. E isto systematicamente, odiosamente, desde a escola primaria. Tudo em um efforço persistente & brutal a se oppôr ás tendencias naturaes da creança. Porque o menino bem sente o impeto violento de vêr. Forte impeto de vêr que até no *faz-de=conta*, tão curiosa formula de abstracção, apparece suggestivamente. Si um menino precisar de um carneiro para com-



pletar a hypothese do feu brinquedo não irá dizer: *faz-de-con-*
ta que aqui 'stá um carneiro, & sim, tomando uma garrafa
ou um copo: *faz-de-con*ta que isto é um carneiro—coisa
bem differente. Ha sempre uma fórma a attrahir a attenção e o in-
teresse.



Mas a escola brasileira é tristonha e vasia. Tão tristonha & vasia
que chega a lembrar uma injusta & continua hostilidade á creança.
Á avidéz das creanças insistentes & curiosas. Vacias em um paiz to-
do repleto de suggestões vivas, movimentadas & coloridas.

Desprezam todos os aspectos capazes de attrahir a attenção de
olhos brasileiros para o Brasil, desprezam a extranha vivacidade de
todo um mundo de lendas & de tradições phantasticas: dentes ver-
des de curupiras, pés voltados p'ra traz, caaporas, passarinhos en-
cantados... Escondem scenas curiosas & typicas de nossa vida: tra-
balho em casa de farinha, moagem em engenho de besta, transporte
em carro de boi, pesca na jangada, festa em igreja de cima de ladei-
ra... Um immenso thesouro a lembrar o carinho de um genio bom e
amigo das creanças, um genio bom que viveisse a espalhar por todo
um extenso paiz, em ponto muito grande para excitar a attenção das
vistas mais descuidadas, collecções infindaveis de modelos a serem
aproveitadas & postas em miniatura, em exageros & alegrias de
côres, para o attractivo & o encanto das escolas.

Mas a escola primaria no Brasil soffre o regimen de constante e
complexa teimosia, de permanente proposito mau. Até nos nomes
se afastam da bôa tradição brasileira. Recebem nome de gente. Hor-
riveis & seccos nomes profaicos. Obra do mesmo espirito boçal
que afasta das ruas os dôces nomes suggestivos. Recebem nomes
que, dentro de algum tempo, 4 annos no maximo, perdem toda a si-
gnificação, mas continúam indefinidamente pendurados pelas facha-
das, como as folhas seccas das bananeiras mal tratadas. E na mes-

*Um inexplica-
vel desprezo.*

*Sob o regimen
de constante
teimosia.*

Triste ambiente de carcere.



O trabalho artificial de Franz Post.

ma situação das folhas seccas das bananeiras mal tratadas, vão continuando pelas paredes das escolas esses solemnes retratos de governantes que ahí costumam empilhar em tão divertido e grotesco alarido. Pelas paredes das escolas onde nem um aspecto se nota a atrahir a attenção de olhos brafileiros para o Brasil. Triste ambiente de carcere para a creança. Hediondos e frios carceres, cheios de physionomias negras como que de carrascos. Nem uma nota de côr, de côr viva, alegre.

E o menino, tão facil de interessar pelos olhos, tão facil de educar pelos olhos, irá apenas ouvir n'essas escolas primarias do Brasil. Ouvir a explicação de geographia, p. ex., talvez deante de um mapa, mas um mapa em que as proporções não exactas, todas as medidas são rigorosas, mas um mapa sem uma figura de gente, de bicho, de planta, sem o encanto daquellas cartas do tempo das descobertas. Sem o encanto daquelles mapas daqui do nordeste, organizados pelo hollandez dominador, mas dominador que se deixou empolgar pelo scenario suggestivo & sympathico.

Em mapas adornados ao gosto da epocha, Franz Post tão entusiasticamente se empenhou em fixar scenas do nordeste que o seu trabalho ainda hoje refalta com o valor de uma nota viva & intelligente de documentação de vida brafileira. Aquelle seu engenho que apparece no mapa da capitania de Itamaracá; aquelle fragrante de multidão sahindo para os trabalhos agricolas, depois de rezar em tofca capella de jesuita, junto á qual lá está tão suggestivamente um fino armado em cima de rude giráu, tudo isto desenhado em uma carta da Parahyba e do Rio Grande do Norte; & os tão curiosos detalhes: *modus deducendi Lusitanas ad templum, modus piscandi in littore, modus gestandi Lusitanas, Brasiliiani piscatores*, constituem uma harmoniosa & valiosissima collecção. Uma collecção organizada de modo a offerecer num minimo possivel de ef-

paço um maximo de assumptos. Uma collecção para escolas, para bibliothecas, para museus. Divulgal-a seria um optimo primeiro passo. E quando será razoavel esperal-o?

Tudo isso que se passa na escola primaria brasileira é um symptoma. Ha espalhada pelo Brasil actual uma curiosa concepção. Uma concepção arraigada em assustadora maioria. Vamos encontral-a muito ao vivo na extranheza quasi unanime, no ar de hostilidade solemne & compenetrado, com que observam, pelas bibliothecas publicas, aquelles poucos que se interessam em folhear livros de estampas. Livros da natureza daquelle *Brasil Pittoresco* mandado lithographar pelo carinho de Sua Magestade Dom Pedro II.

Em minha presença, lá uma vez, gabava-se convicto um empregado de bibliotheca por ter negado a um visitante, reu reincidente do crime de folheal-o, certo livro todo cheio de estampas. Era o *Reserom Per octennium in Brasilia*, de Barlæus. Mas a bibliotheca, insístia o empregado, devia ser um ambiente de estudo, não um ponto de reunião de individuos defoccupados & por isto affeitos ao estúpido e inexplicavel passatempo de vêr calungas.

A argumentação, logo recebida entre o enthusiasmo de gestos de acquiescencia, está em perfeita harmonia, não ha duvida, com a actual organisação do ensino no Brasil.

Os meninos que conheçam o paiz, este paiz de grandes rios que separam immensas zonas mysteriosas, até hoje bem longe ainda, em seus imprevistos & seus romances, de uma razoavel & legitima curiosidade nacional, unicamente através do palavriado multiforme dos taes hymnos patrioticos ensinados pelas escolas; os maiorefi-

Uma curiosa
concepção.



nhos poderão lêr o *Porque me ufano do meu paiz*; e os mais edofos... tambem.

Perdido para os olhos brafileiros todo o tempo de permanencia na escola, perdida a opportunidade natural e até unica, ás vezes, de se iniciar a educação da vista, de se iniciar a educação pela vista, e lá se foi uma tão bella e segura occasião. Uma tão propicia occasião estupidamente desaproveitada por estes taes pedagogos do Brasil e pelos seus inspiradores officiaes. E disto resulta uma consequencia inevitavel e tristissima. Porque essa gente creada longe da bôa intimidade do seu paiz, das bellas coifas do seu paiz, sem a intensa e clara alegria de vê-las, desde muito cêdo, em miniatura, no tão fascinante tamanho dos brinquedos, não raramente se assemelha, na fatal porem justificavel indifferença deante dos aspectos de sua terra, áquellas pessôas creadas longe da familia e por isto desinteressadas pelos paes com os quaes não se identificaram desde a infancia.

Têm sempre um labor proprio e bem intimo os enthusiasmos e os affectos vindos da meninice. Elles têm, ás vezes, a nobre arrogancia de senhores absolutos. E entre as camaradagens que se succedem uma muito docemente repercute: a camaradagem de quem mostrava calungas, de quem dava bonecos e contava historias. Bôa camaradagem da qual se afasta este Brasil carrancudo, em cara fechada de mestre brabo que não mostra calungas, não dá bonecos nem conta historias aos meninos das escolas. Bôa camaradagem da qual se afasta systematicamente seguindo a norma rispida dos tantos superficiosos do alcance de um mero e secco alphabetismo. Gente convencida de que o mundo ha de se equiparar ^{no} bruscamente a um paraíso a partir do brilhante momento em que, desde o mais applaudido dos litteratos ao mais humilde dos trabalhadores ruraes, todos, numa victoriosa unanimidade, consigam o

Os enthusiasmos & os affectos vindos da meninice.



immenso dom de lêr. O immenso dom de conhecer 26 letras &, além de tudo isto ainda, o immenso dom de soletrar. Conseguído este privilegio resta contemplar a victoria magnifica.

Em torno desta noção giram todas as preocupações da pedagogia official do Brasil. Desta pedagogia toda baseada em curiosa confiança na absoluta efficacia das lições decoradas.

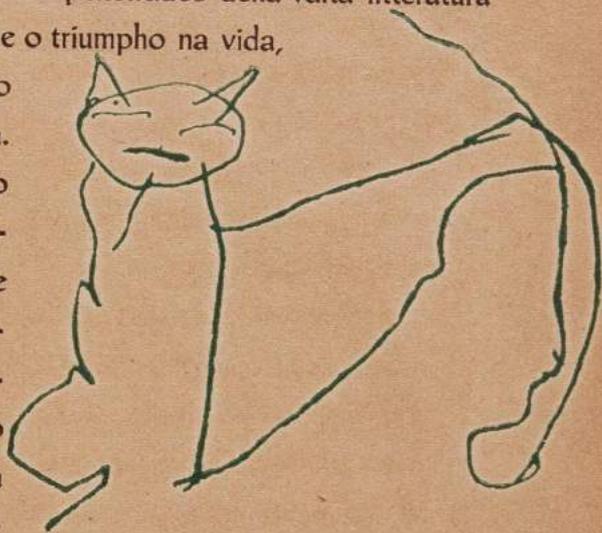
E a ultima reforma do ensino, de tão recente applicação, trabalho muito cuidado de enthuasiastas compenetrados dessa vasta litteratura sobre a educação da vontade e o triumpho na vida, creou nos Gymnasios um curso de Instrucção moral e civica.

Não sei que nova suggestão partiria do respeitavel propagandista inicial deste curso se lhe dissessem que um rapaz, depois de largas explicações sobre os deveres do individuo para com a patria, para com a sociedade & para com a familia, preferiu uma sessão de cinema a assistir uma nova prelecção.

Deve ser um homem de boa fé, longe de taes suspeitas, aquelle tão firme senhor.

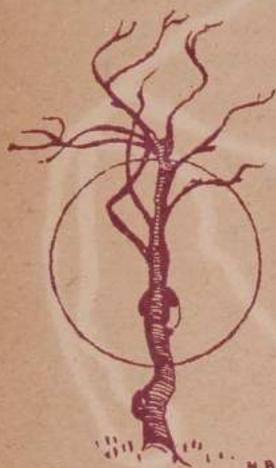
Anda agora a affombrar os tantos candidatos á popularidade um inesperado e forte concorrente. Porque o immenso prestigio actual do cinema vae dando logar a toda uma caprichosa e larga revira-volta. E até a oratoria civica vae perdendo terreno por toda parte no trabalho de reivindicar para os heroes nacionaes um pouco do enthuasmo que as figuras da tela teimam agora em açambarcar.

A identidade daquella extranha figura, sempre a agir inesperada-



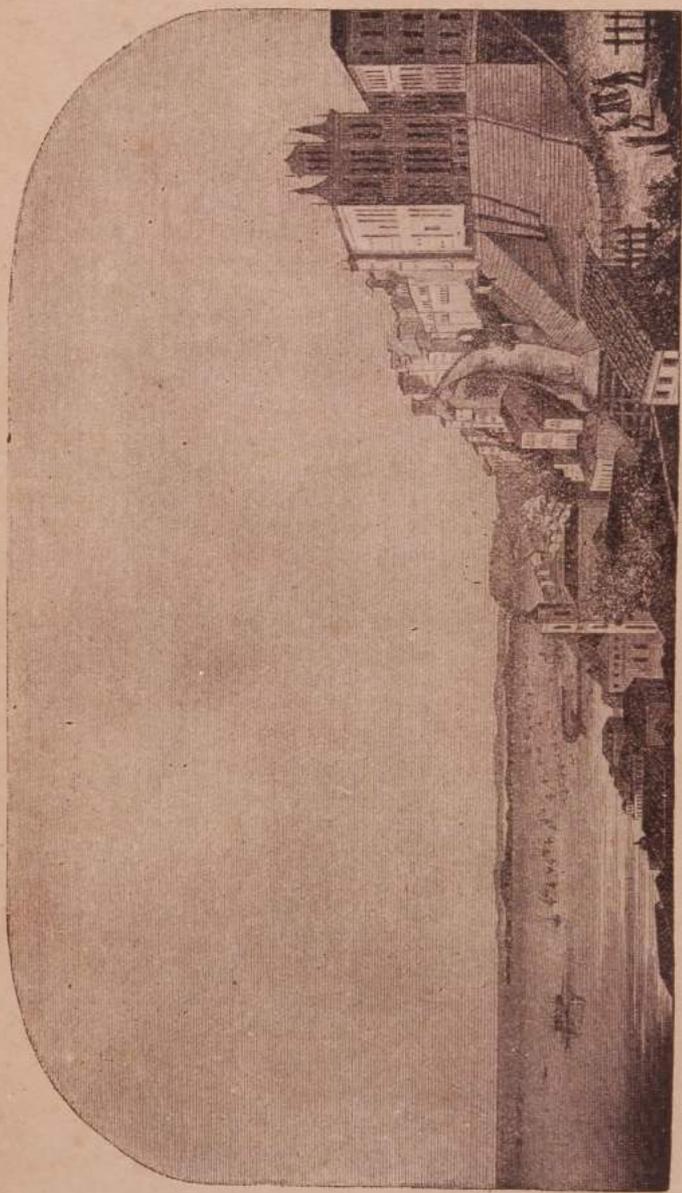
mente, sempre a apparecer nas situações mais complicadas das fitas em serie, aos olhos de uma multidão democraticamente decisiva, interessa bem mais que qualquer um desses acontecimentos a cuja descrição os senhores historiadores vão juntando uma serie infindavel de nomes & de datas.

E ha neste interesse um primeiro e curioso impulso de rebeldia. Uma coisa violenta e generalizada, de repercussão muito larga & segura. Um anseio de movimento & de scenario, ainda rudimentar, porem mesmo assim a caminho de permittir uma visão larga e nova. E aquella serie de nomes e de datas a partir d'agora jamais perderá o character incommodo de lição, de estudo obrigatorio para exame.



E tudo indica que lá um dia os oradores officiaes dos Institutos Historicos irão presenciar um revoltante contraste: escasso e indiffente auditorio, composto de figuras obrigatorias, mal occupando as tres primeiras filas de cadeira, naquella festa de tão estridente alcance patriótico, ao passo que a olhar as aventuras dos cow-boys ou a correção dos galans ou o sorriso das actrizes bonitas uma multidão variada se condensa.

E ao silencio das sessões cinematographicas, longe da ameaça perturbadora de discursos, longe da possibilidade intrusa de lições decoradas, toda essa multidão se aferra a uma exigencia bem em conflicto com a mentalidade dos Institutos Historicos, com a organização do ensino no Brasil. Em sua larga curiosidade, em seu interesse pela segurança de execução, em sua exigencia de prova vae equiparando todo o impeto de oratoria, todos os recursos verbaes a uma simples descrição de fita, a um resumo de enredo de fita. E a oratoria dos Institutos tem hoje apenas o alcance de um enredo de fita que já passou. E toda aquella immensa galeria de retratos de governantes



ASPECTO DA BAHIA NO SÉCULO XIX.

plicadas das fitas
ente decisiva, in-
mentos a cuja del-
a ferie infindável

ullo de rebelião
o muito larga é
inda rudimentar
uma visão larga
a partir d'agora
lição, de estudo

s officiaes de
tante contrab
uras obrigato
e cadeira, na
o, ao passo que
correção dos
multidão va-

ameaça per-
le lições de-
em em con-
organização
ntereffe pela
quiparando
uma simples
ratoria dos
ita que já
overnantes

d
ic
m
pr
Bu

ap
um
qua
nos
cio
arv
fina
frim
elpe
aque
aque
rada
E in
nella
En
feita
ntimio
de un
am co
munho
ma re
os olh

— ampliações photographicas a 500\$ — impressionantes objectos do desvelo maior dos senhores dos Institutos e ornamento mais valioso de tão patrioticas paredes, constituem agora uma especie de museu de actores que já deixaram de trabalhar. Triste museu sempre preterido pela constante successão de fitas novas e movimentadas. Buck Jones, Eddie Polo, Tom Mix...

Apoiando-se em elementos formidaveis desde longo tempo desaproveitados, o cinema é uma força extremista e revolucionária. É uma força inegualavel na extranha agilidade dos seus processos. Emquanto o tardio leitor de romances ou de novellas vae se iniciando nos primeiros detalhes da historia, vae chegando á narrativa minuciosa da situação das ruas, da disposição das casas, das ladeiras, das arvores, dos caminhos, já o espectador do cinema lá está pelo beijo final. Emquanto o leitor se condoe diante daquelles primeiros sofrimentos immerecidos, a abaterem o protagonista sympathico, já o espectador, dissipando as torturas do *bad-end*, anda ás voltas com aquella outra figura de bigodinho, (ha uma muito popular bem aqui) aquella interessante figura de bigodinho victima constante das maradas de carneiros fortissimos & indiscretos & dos banhos forçados & incomodos em tinas diabolicamente collocadas ao lado da janella pela qual tão estupidamente o atiraram.

Em ligeiros momentos de projecção, lá se estabelece perfeita & brusca intimidade com um assumpto complexo. Uma intimidade impossivel de conseguir em 500 paginas batidas de um livro. Porque as narrativas alheias armam apenas um conhecimento imperfeito & cerimoniaoso. Só pelo testemunho pessoal forte & vivo os acontecimentos chegam a uma repercussão perduravel & decisiva. E o convivio com os olhos é tão necessario & imperioso que até as próprias



creanças, ainda bem longe da extensão complexa do sentido de vêr, se afastam das pessôas desconhecidas, num movimento intuitivo de repulsa. E ás vezes, na intimidade, se recostam tranquillias ao hombro de horríveis figuras, dessas que amedrontam muita gente grande. Jamais poderão competir as camaradagens baseadas tão somente na troca de cartas gentis com as camaradagens sempre movimentadas em largos passeios em commum, em bôas e alegres partidas de sport. E é por isto que a camaradagem entre o brasileiro e o seu paiz ainda não conseguiu se elevar alem de uma intensidade secundaria e ridicula. Alem do

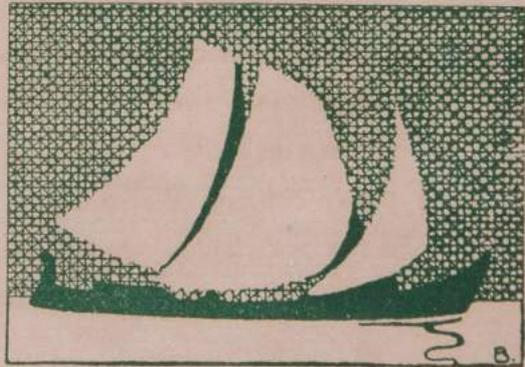


*O' Patria amada,
Idolatrada,
Salve! Salve!*

da cantoria, alem dos adjectivos carinhofos e tantas vezes gratuitos emphaticamente dispostos nesses discursos escriptos para a solemnidade dos dias feriados & entregues aos collegiaes de voz mais mellofamente modulavel. Apenas um camaradagem de receber noticias espaçadas. Nem ao menos bôas photographias & bons defenhos. E avulta, por isto, uma intimidade usurpadora. Uma intimidade com os despenhadeiros do Arizona, com os gelos de Alaska, com a vida do oeste dos Estados-Unidos, antes mesmo de qualquer noticia detalhada sobre a natureza amazonica, a serra de Baturité, as ilhas do rio S. Francisco. Os bufalos apparecem, as antas sempre escondidas. E ainda mais: rapidamente a formar reductos circulares ante a ameaça do Pelle Vermelha, as caravanas que, ha seculos, se dirigiam para o oeste da colonia ingleza, passarão deante dos olhos brasileiros, desses olhos ainda não familiarizados com a agilidade dos Guaycurús, em cuja maneira de combater a cavallo parece haver preoccupa-

pações decorativas bem mais accentuadas que qualquer proposito de commodidade ou qualquer vantagem guerreira.

E a pedagogia official com os seus livros tristes, com as suas escolas tristes, com o seu triste processo de exigir lições decoradas em um horrivel amontoado, sempre teimosamente insensivel deante do absurdo dessa situação. As creanças, porem, na alegria com que sabem procurar e exigir os livros illustrados, no enthusiasmo com que recebem as bonitas calungas coloridas, na sympathia irreprimivel que voltam para a vivacidade dos documentos estuantes, estão bem sensivelmente em uma extremidade opposta. Da estupidez dos pedagogos officiaes bem pouco é licito esperar. De circumstancias imprevisitas do momento, de gaiatas intromissões semelhantes á do cinema, bem perto da brincadeira desses meninos trelofos, escondidos debaixo das mesas, esperando o momento opportuno de retirar bruscamente uma cadeira e gargalhar deante de uma queda, muita coisa poderá advir. E a curiosa instabilidade da organisação do ensino no Brazil já é um symptoma. Ha muita gente prompta para se assentar, já com as abas do frack cuidadosamente levantadas, e tambem muitos meninos trelofos, escondidos debaixo das mesas a escamotear perversamente as cadeiras. Ha muita gente cautelosa eternamente de pé, numa constante attitude de quem vae fahir. Já anda longe aquelle tempo tranquillo em que, deante do enthusiasmo cordato dos alumnos, lá se estendiam os mestres solemnes, com toda a emphase de innovadores e adivinhos. E assistiam orgulhosos & satisfeitos a facilidade com que os seus bonitos ensinamentos lá se iam espalhando pelos jornaes academicos, pelos compendios de poesia scientifica &



até pelos albuns luxuosos das moças elegantes, todo cheios de enternecidos & dôces conceitos sobre os olhos, as flores & o luar.

Na immobilidade forçada e no silencio tristonho das falas de cinema bem se descobre um ambiente de excepção. A expressão trágica de quem, surpreso pela brutalidade de um ruído, arregala muito os olhos e todo se recosta aflustado. Terminado este momento de repouso & de cura, sempre intercalado por subtis observações, lá apparecem impetos novos e fortes. E uma exigencia de côr e de rythmo vem se juntar ao impulso victorioso de movimentos & de contornos. E o cinema deixará então de fatiffazer. A propria vida, longe de qualquer artificio, se enche, tambem, de lances curiosos, semelhantes aos de uma colorida & alegre partida de sport em que tanto a destreza como a impericia dos disputante representam um motivo unanime de distracção.

E em vêr & em mostrar a vida, como na Edade Media, se encontrará a distracção maior, mais intensa & mais dôce. E a noção de aprender irá para muito longe da idéa do decorado. Pelas escolas, muitas calungas bonitas, muita côr, muitos livros alegres. Muita tinta para os tão suggestivos desenhos dos meninos. Desenhos da indole desse gato muito fatilfeito que aqui figura em pagina adeante. É um presente que Jacyrema Bandeira aos 5 annos nos offerece. Parece que ella comprehendeu até que ponto estava ameaçada da supposiçào de um auxiliozinho do papae em seu trabalho. Do papae o artista dos desenhos de gente grande que espalham por esta nota um sabor de vida & de sinceridade. Parece que ella comprehendeu & se esmerou ao maximo em accentuar requisitos preciosos que assecuram um impulso independente & intuitivo do seu geito de ver.

No dia em que os meninos do Brasil conseguirem em desenhos assim reproduzir as coisas mais caracteristicas do seu paiz, bem eu penso que já é tempo de sobra para converter esse curso de Instrução Moral & Civica, agora creado nos Gymnasios, numa aula em que se ensine um remedio, analogo ao Fly-tox, ao Pó Azul, ao Oleo Creosoto, a ser empregado contra o mais hediondamente parasitario & intruso dos animaes: o judeu.

TENDENCIAS DE ESCRIPTORES

Não é de todo nova, pelo menos não é da ultima hora, mesmo no Brasil, a preocupação mantida por escriptores de evitarem os logares communs, as «chapas», assim como os palavrões campanudos e o que se pode chamar pieguice e alambicamento. Esse cuidado, inspirado no senso de justa medida e numa especie de louvavel pudor litterario, si não vem de seculos, em nosso paiz, existe, palpavel e evidente — é verdade que restricto a circulos limitados de intellectuaes — desde bõas dezenas de annos decorridos. Ha cerca de trinta, aqui no proprio Recife, em certa roda de jornalistas, (infelizmente quasi todos já desapparecidos, por morte ou pelo abandono do officio) a prevenção contra as phrases de «cliché», o gongorismo, o academicismo de ultimo furo, o «lamechismo», o synonymismo de gotteira de telhado, a prodigalidade e abuso de epithetos, etc. — tomava as proporções de horror, quando não passava a constituir superstição.

Balthazar Pereira, que fazia parte do grupo, levava ao extremo essa phobia, tanto escrevendo elle mesmo, quanto commentando, em palestra, os escriptos alheios.

Qualquer pequena rotura (menos que isso: o mais tenue vinco ou risco) naquelle annel de ferro era para a referida tropa estylo de «pyramides congeladas e argenteas que o vulgo chama sorvete»; era estylo de «coração estalando dentro na arca do peito». E adjacencias.

Provocavam igualmente intensa aversão — talvez bem mais justificada que nas hypotheses dos vícios acima apontados — as affirmativas absolutas, em tom decisivo ou definitivo e peremptorio, a respeito e proposito de problemas excessivamente intrincados. Quantos as faziam para o grande publico, ou mesmo em conversa, eram pelo grupo classificadas como «categoricos». Tal classificação equivalia a um diploma de «maximo charlata», «idiota integral», «incuravel cretino», «cavallo de chifre», etc.

Havia ainda com o diploma de «categoricos» funcionarios de numerosas outras funcções, isto é, que nunca tinham publicado nem publicariam de futuro cousa alguma.

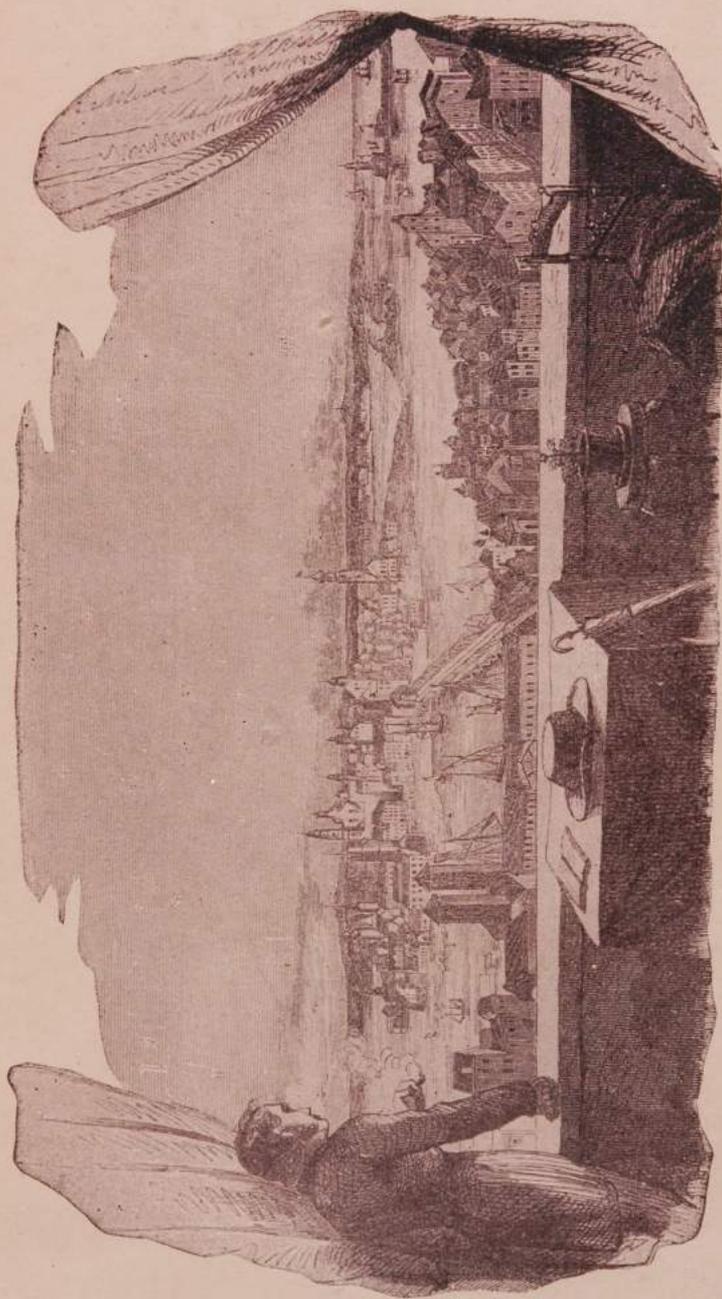
Facilmente se percebe e aquilata que tortura seria o escrever com tantas e tão apertadas restricções. Os principaes e quasi únicos inconvenientes dellas derivados, entretanto, eram uma sorte de frieza e monotonia na prosa assim tão rigorosamente «controlada», como que medida a compasso ou pesada em balança de precisão, e, algumas vezes, a falta de inteira clareza, para os leitores, no que se lhes expunha — charadas facilimas de «matar» pelos que as tinham engendrado, os paes de semelhantes creanças; indicifraveis, porém, ou difficilimas de decifrar por terceiros.

Nada mais, como resultado das regras draconianas em vigor. Para as extravagancias e maravilhosas bernardices dos ultimos tempos — ressalvadas nelles, já se vê, todas as excepções — foi que ninguem appellou nem se deixou arrastar.

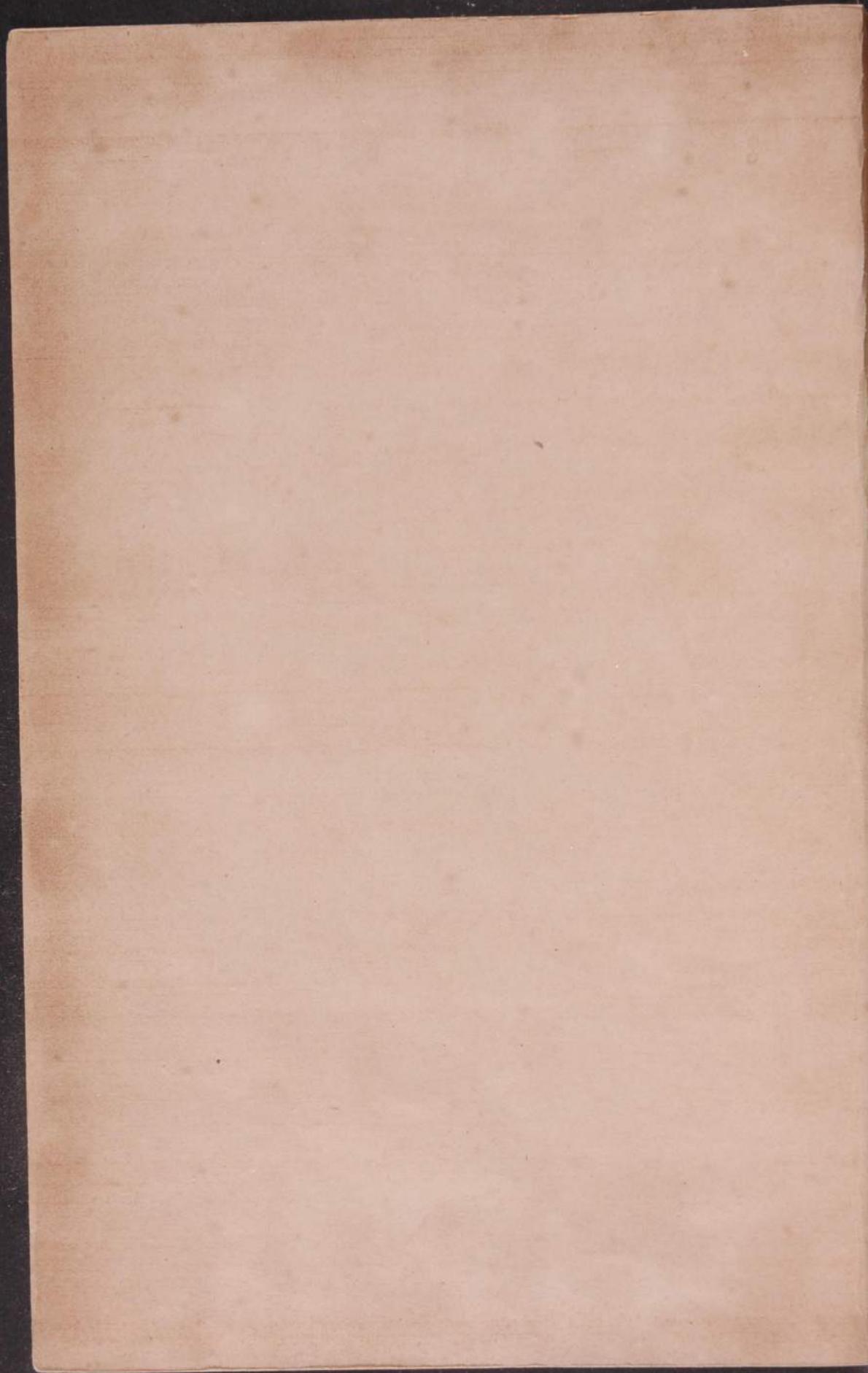
E valia innegavelmente como assignalado triumpho vencer tantas difficuldades sem jamais extravar. Dá saudade a lembrança daquelle bello equilibrio — nem ridicula grammatiquice, nem desprezo da bôa grammatica; nem propriamente emphase, nem rastejamento; nem inoportuno classicismo ou tentativa deste, em coberta de retalhos, nem cassange; nem o tom hieratico, nem a forma acanhada; nem trovejamento, nem... doce de leite; nem catilinarias, nem choraminguices; nem o que todos repetem, nem a ancia morbida de originalidade, levando, em numerosas hypotheses, a peregrinos dispauterios.

Fóra o que ficou omitido.

Manuel Caetano.



ASPECTO DO RECIFE NO SECULO XIX.



O * L * I * N * D * A

das perspectivas estranhas
dos imprevistos horizontes
das ladeiras dos conventos e do mar

*

Olho as palmeiras do velho seminário
o horto dos Jesuitas.
E neste mar distante e verde e neste mar
numeroso e longo
ah! eu ainda vejo as caravellas

*

Sábio silencio do Observatorio
quando á noite as estrellas passam sobre Olinda

*

Muros que brincam de esconder nas moutas
calçadas que descem cascateando nas ladeiras

*

Olinda
Quando o luxo o esplendor o incendio
e os Capitães Mores e os Jesuitas
e os Bispos e os Doutores em Canones e Leis

*

E ainda
com as velhas bicas os velhos
pateos das igrejas
Amparo Misericordia S. João S. Pedro
Nossa Senhora de Guadalupe

E os Benedictinos e as irmãs Dorotheás
e os padres de S. Francisco

*

Neste silencio neste grande silencio
no terraço da Sé
sentindo a tarde vir do mar tão doce e religiosa
como a alma celestial de S. Francisco de Assis

* I N V E R N O *

A chuva cae alaga o chão encharca os ventos
Ventos velas phantasmas que veem perdidas do alto mar
A noute faz muito tarde

Dobres ventos sem trabalho
expulsos dos moinhos dos navios
desembarcados no primeiro porto
e que vão pelas ruas vasias
balendo ás portas num clamor de rajada
de lamento e revolla

*

A noute resuscita todo o silencio em todos os rumores

*

Inverno
A agua que canta nas sargelas
perdoe agua mendiga

No meu quarto sem conforto
penso nas horas que passaram
abro um livro sobre os meus joelhos

*

A alma de meu avô vem pela sala deserta
sentar-se ao pé de mim sobre o meu leito

*

O meu bonito avô Manuel Antonio

* TARDE EM RECIFE *

da ponte Mauricio o céu e a cidade
Fachada verde do café Maxime
Caes do Abacaxi Gamelleiras

*

Da torre do Telegrapho Optico
a voz colorida das bandeiras anuncia
que vapores entraram no horizonte

*

Tanta gente apressada tanta mulher bonita
a tagarelice dos bondes e dos automoveis
um camelot grilando—alerta!
Algazarra 6 horas Os sinos

*

Recife romantico dos crepusculos das pontes

dos longos crepusculos que assistiram a passagem
dos fidalgos hollandezes
que assistem agora o movimento das ruas
lumulluosas
que assistirão mais tarde a passagem dos aviões
para as costas do Pacifico

*

Recife romantico dos crepusculos das pontes
e da beleza catholica do rio

* P E R D ã O *

Perdoei pelos meus peccados
pelo mal que fiz tambem
pelo soffrimento

Este nada de ser Minha vida christã

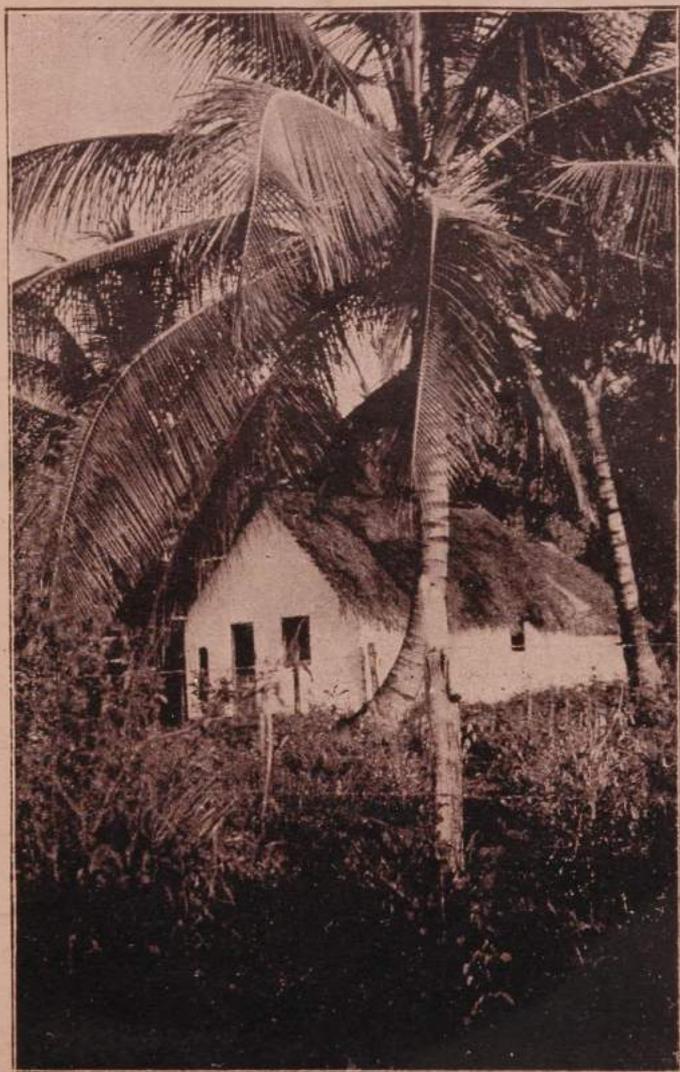
*

Entre o castigo e o perdão
não foi justo nem sabio perdão
não tive o gesto nem a phrase
extremo valor de juizes

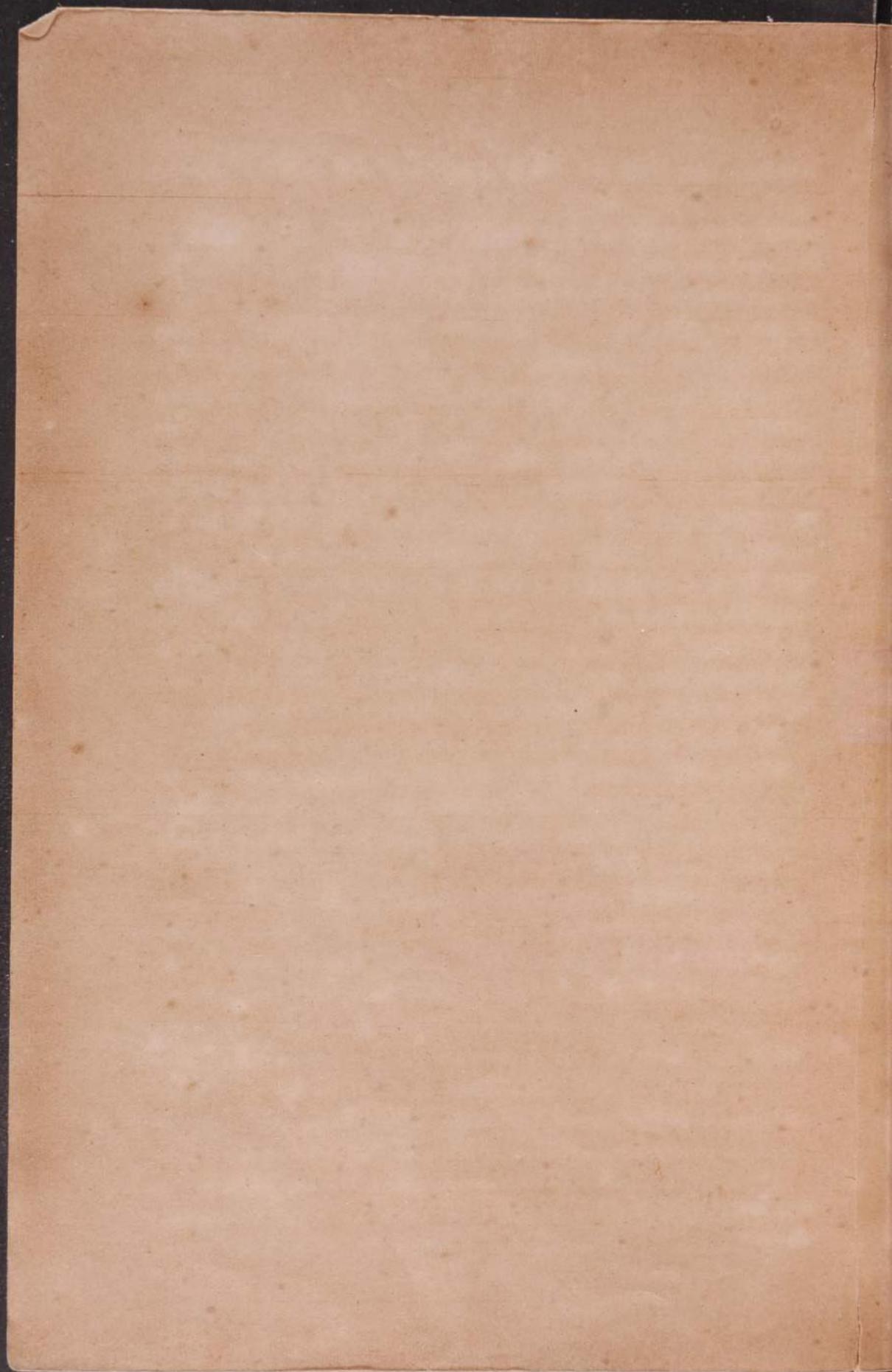
*

Foi um perdão silencioso e humilde

JOAQUIM CARDOZO



COQUEIRO IMMOVEL. Phot. de M. PARAHIM.



ideal de belleza, tem em Lafcadio um dos seus typos mais representativos.

Foi um grego, Lafcadio, em tudo igual aos primitivos, todo entregue ao espirito dispersivo duma religião varia, sem unidade, sem dogma, sofrendo as influencias do mesmo localismo que já se manifestava na esphera da politica e da arte; todo entregue ás seducções humanas do paganismo. E levado pelas seducções humanas do paganismo a que no seculo dezenove foram tão sensiveis Renan, Gautier, Wilde e, ainda no nosso, Anatole, repudiou a Igreja Catholica, mais do que qualquer outra religião, em que se acostumou a ver uma como vasta galleria de santos e patriarchas feios; em que se acostumou a ver — «the very religion of ugliness». «A religião mesma da feiúra» a religião a que tantos se têm convertido com a só acção esthetica de sua lithurgia! Não percebeu Lafcadio o espirito que orientou a Igreja primitiva naquillo a que eu chamarei a procura voluntaria do feio em arte; não percebeu que havia um grande mal a remediar, e que o remedio só podia ser um remedio extremo; não percebeu que o culto exaggeradamente pagão e sensual do bello só pedia um remedio: o culto do feio; não percebeu o caracter de penitencia do feio na arte christã dos primeiros tempos, sobretudo na arte dos mosaicos, e que esse caracter de penitencia só podia ser transitorio, como foi, um sopro de vida e belleza nova já se manifestando mesmo nos Primitivos.

Agora, na obra de Lafcadio Hearn o que interessa sobretudo, mais do que qualquer outra expressão do seu genio porque a que mais revela as suas preocupações estheticas e predilecções, é a intenção regionalista. A ancia de belleza do seu seculo, tão intensa como a ancia mystica do nosso, no pobre cigano de Santa Maura traduziu-se naquelle amoroso deleite de surprehender em cada povo e reter no seu caprichoso estylo arabico as expressões de vida nativa, a côr e o caracter da paysagem e da physionomia social.

Aqui no Brasil os motivos de nossa propria paysagem e as suggestões mais fortes do que temos de interessante são tratadas quasi que a ponta de pé. O que temos por ahí virgem e em bruto, clamando pelo olho e a mão do artista, virgem e em bruto ficará. Somos uma especie de exogamos primitivos correndo atraz das louras donzellãs de

tribus extranhas quando a nossa propria tribu está cheia de donzellas — de donzellas morenas.

Alguns espiritos demasiado simples vêem o Regionalismo como um limite para a imaginação, ou como qualquer coisa pobre e estreita demais para cabel-os. O que talvez seja engano. O que se dá não é tanto uma pobreza de motivos, mas uma pobreza de imaginação. É como uma paisagem, bella, enorme, vista por um vidro de diminuir — um vidro de diminuir o tamanho das coisas e esbater as côres. Outros accusam as côres do que temos de regional de indecisas ainda para permittir qualquer esforço creador num sentido de puro regionalismo. Ora, primeiramente, eu não sei si nos faltam côres precisas para tal esforço creador; o que sei é que temos levado toda vida, ou por estupidez ou por mimetismo, a mistural-as e a borral-as a um gráo em que só resta o inexpressivo do branco — synthese mas annullação de todas as côres. Depois, si as nossas côres ainda estão indecisas, ou simplesmente borradas como entendo, o papel do artista, — do artista creador — é justamente este: de avival-as, de exaggeral-as, de lhes restituir a força e a belleza primitiva. Si não fôr assim, o que será arte? Toda grande literatura, e posso dizer mesmo que toda grande arte, é regionalista. É sempre a fixação dum aspecto peculiar a certo povo ou a certa região. Agora, o que e preciso é tirar deste aspecto particular o interesse geral. O sentido humano. Tirar, paradoxalmente, o todo da parte. O universal do local.

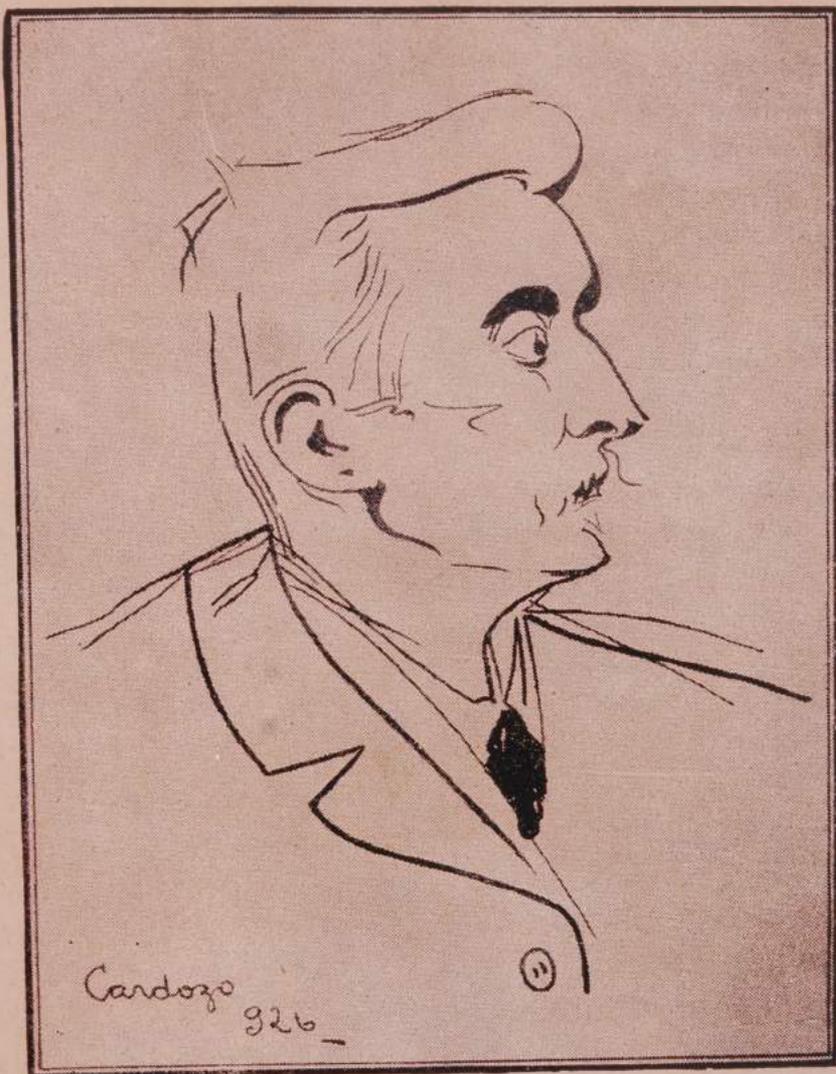
Bem, Lafcadio foi regionalista neste simples sentido que soube amar de cada povo as suas expressões regionaes, e dessas expressões regionaes extrahir toda a sua grande arte. Foi uma alma de primitivo toda voltada para o lado simples das coisas, e preferindo o verde vivo do matto aos aspectos sombrios que offerecem as grandes cidades modernas. As grandes cidades modernas, comparadas com as velhas cidades e sobretudo com as cidades medievaes, teem esta desvantagem esthetica, desvantagem esthetica que não deixa de ter suas consequencias moraes: que se erguem sempre á sombra dum bueiro enorme e mal educado de fábrica a sujar e a transformar o céu dos contemplativos num céu de burguezes, ao passo que as cidades medievaes se erguiam sempre á sombra, doce e de tão suggestiva belleza, duma cathedral.

Para falar com mais precisão, entre o matto e a cidade, Lafcadio não tinha apenas preferéncia pelo matto, mas pavôr pela cidade. E foi justamente esse pavor das grandes cidades — das «awful cities» dos quatro heroes do livro de Hilaire Belloc — que o fez voltar-se todo para o regionalismo como um refugio para o seu espirito. Elle temia as grandes cidades como temia o progresso — o progresso á americana. O progresso para elle deveria ser o que na verdade é: uma especie de carro da Assisténcia Publica em disparada, matando dez pessôas para salvar uma pessôa.

Elle procurou o ambiente espirital do regionalismo como o unico ambiente favoravel ao seu espirito, da mesma forma que procuraria o ambiente primitivo de certos logares e certas paysagens como o unico em que a vida lhe seria possivel. A differença entre certos inimigos da civilisação e Lafcadio é esta: que aquelles clamam contra a civilisação e vivem dentro da civilisação, e Lafcadio clamava contra a civilisação e fugia á civilisação. Fugiu da civilisação ingleza atraz da civilisação americana, talvez illudido com a expectativa dum ambiente novo quando não veria encontrar sinão a repetição, não sei si melhorada ou peiorada, do ambiente europeu, fugiu de Nova York e Cincinnati atraz de Nova Orleans — aonde o levou sobretudo a ancía de morna claridade tropical tão cara ao seu temperamento de meridional. De Nova Orleans, a velha cidade em ruinas já tão cheia de suggestões deliciosas da vida dos tropicos, elle fugiu para Martinica, cuja paysagem cheia de pittoresco regional seria para toda a vida, mesmo no Japão o «décor» imaginario de toda a sua obra. A sua vida foi uma especie de evolução dirigida num sentido inverso da nossa evolução — uma fuga da civilisação para a Natureza.

Levou toda a vida a despir-se das roupas accumuladas da civilisação. Até á nudez. E deve ter desejado — como São Francisco — repousar nú sobre a terra núa. Seria o extremo logico.

Manoel Lubambo.



LAFCADIO HEARN



que me satisfizesse plenamente, confesso-lhe que sem ser religioso pratico do catholicismo, as vidas de Jesus e de S. Francisco de Assis me satisfazem por completo.

Foram duas vidas perfeitas. Eu creio pois que a aspiração artistica maior é a libertação das contingencias humanas, um desejo de infinito que existe talvez em estado latente na metageometria do abbade Moreux. Por isso o meu odio do Realismo, não sei de expressão artistica mais grosseira, mais preocupada com a forma, mais presa ás ideias de methodo e regimen.

Chesterton num dos seus ultimos artigos em «The Illustrated London News» com o seu delicioso malabarismo de linguagem traça um resumo do que tem sido a arte atravez do tempo e encarece a perda de significação della á medida que o artista consegue uma representação mais perfeita dos factos. Isto é de algum modo attingir a perfeição mediocre. Geometrica. Neste continuado aperfeiçoamento da forma que se observa desde os primitivos até os modernos onde o artificio, a dextreza manual e o arranjo de situação prevalecem sobre a imaginação e a intelligencia, ha uma tendencia para os padrões artisticos dos albuns, das consagradas posições academicas, padrões artisticos que são verdadeiras formulas algebricas com que os falsos artistas revelam a passividade dos seus sentimentos.

Acho assim infeliz este seu desejo de assimilar a arte á mathematica, infeliz e impossivel, alias v. bem mostrou essa impossibilidade a que eu adduzo mais um argumento dizendo que a mathematica impoz ao pensamento uma tristeza fria de carcere. E a arte da contemplação pura é alegre.

Nesta anciedade em que vive o espirito moderno não basta

a limitação de conceitos scientificos, esta «verdade» conseguida nos laboratorios e eu prefiro, meu amigo, aos oitenta annos de pesquisas do snr. Poincaré os curtos momentos nocturnos nas trincheiras de Flandres em que Otto Braun cantava. A voz deste homem moço de menos de vinte annos representa entre os horrores dos combates a mais pura e a mais doce alegria da terra.

E agora por falar em alegria observo que ha pelo mundo uma falsa alegria como ha uma arte falsa e que como esta é sujeita a determinadas leis digamos algebricas. Dahi tanto humorismo artificial como o de Mark Tuain pelo que revela o Snr. Santo Thyrso. E mesmo o do Snr. Santo Thyrso. A verdadeira, a sã alegria, a que constitue a essencia da grande obra artistica é a alegria dos illuminados santificada, ungida dos mysterios de uma existencia que vai alem da Morte, um espirito de sacrificio, de exaltação e de extase.

E é a procura desta arte e desta alegria meu caro João Carlos que ando no mundo.

Do sempre seu

Joaquim Maria.

